

2-9-2010

Exílio e Homossexualidade em Stella Manhattan de Silviano Santiago e El beso de la mujer araña de Manuel Puig

Fernanda Bartolomei

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/span_etds

Recommended Citation

Bartolomei, Fernanda. "Exílio e Homossexualidade em Stella Manhattan de Silviano Santiago e El beso de la mujer araña de Manuel Puig." (2010). https://digitalrepository.unm.edu/span_etds/6

This Thesis is brought to you for free and open access by the Electronic Theses and Dissertations at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Spanish and Portuguese ETDs by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Fernanda Bartolomei

Candidate

Spanish and Portuguese

Department

This thesis is approved, and it is acceptable in quality and form for publication:

Approved by the Thesis Committee:

Roger Rillart

.Chairperson

[Signature]

Miguel Lopez

**EXÍLIO E HOMOSSEXUALIDADE
EM
STELLA MANHATTAN DE SILVIANO SANTIAGO
E
EL BESO DE LA MUJER ARAÑA DE MANUEL PUIG**

BY

Fernanda Bartolomei

**B.A., English, Universidade Federal de Minas Gerais,
2002**

THESIS

Submitted in Partial Fulfillment of the
Requirements for the Degree of

**Master of Arts
Portuguese**

The University of New Mexico
Albuquerque, New Mexico

December, 2009

ACKNOWLEDGEMENTS

After finishing the long but rewarding process of writing my thesis I would like to thank everyone who was crucial in my life these last two years that I spent here at UNM.

This thesis would not have been possible without the support of my dear committee, Dr. Margo Milleret, Dr. Miguel López and Dr. Kimberle López. They have provided assistance in numerous ways and they have showed me how to become a professional and succeed in the academic world. I will always remember the email messages Kim has sent to guide me and help me focus my research. I have to specially thank Margo for being a great advisor, friend, sometimes mother but besides a good inspiration for my choice of keeping up with my studies.

I have to acknowledge the unforgettable and stimulating conversations I have had with Dr. Eleuterio Santiago-Díaz about my thesis, academia, life and how much he taught me about everything. I have to express my gratitude to some colleagues who provided me with insightful comments and suggestions while I was researching. I will be forever thankful to Jorge Estrada,

Ricardo Moreira, Agripino Silveira, Marcela Zárate, Glenia Lima and many others.

And I could never forget what Martha Hurd and Rosario Johnson have done to make my days at UNM easier and simpler. Thank you a million!

I am also grateful for the rewarding opportunity I had to study about my own culture at UNM that has provided me with a unique chance to get to know better my own country from far away besides learning about academic life.

EXÍLIO E HOMOSSEXUALIDADE
EM
STELLA MANHATTAN DE SILVIANO SANTIAGO
E
EL BESO DE LA MUJER ARAÑA DE MANUEL PUIG

BY

Fernanda Bartolomei

ABSTRACT OF THESIS

Submitted in Partial Fulfillment of the
Requirements for the Degree of

Master of Arts
Portuguese

The University of New Mexico
Albuquerque, New Mexico

December, 2009

EXÍLIO E HOMOSSEXUALIDADE
EM
STELLA MANHATTAN DE SILVIANO SANTIAGO
E
EL BESO DE LA MUJER ARAÑA DE MANUEL PUIG

by

Fernanda Bartolomei

B.A., English, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002

ABSTRACT

Right-wing military dictatorships in Latin America during the 1960s-80s governed the citizens of their respective countries by utilizing repressive means to control political opposition and enforce patriarchal values, including heteronormativity. Within that context, some Latin American novels present homosexuals that find supportive alternative places in which to discover and express themselves. This thesis examines two such novels, El beso de la mujer araña (1976) by Manuel Puig and Stella Manhattan (1985) by Silviano Santiago. I argue that the main characters Molina and Eduardo/Stella use the freedom of exile and interior exile (insílio) in order to develop their identities as homosexuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
APANHADO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE	6
APANHADO HISTÓRICO.....	16
Brasil.....	16
Argentina.....	21Error! Bookmark not defined.
EXÍLIO.....	25
CONTEXTO LITERÁRIO.....	30
CRÍTICA LITERÁRIA.....	31
ANÁLISE TEXTUAL.....	37
Silviano Santiago.....	37
Stella Manhattan.....	38
Manuel Puig.....	40
El beso de la mujer araña.....	41Error! Bookmark not defined.
COMPARAÇÃO E CONTRASTE: Homossexualidade e Exílio.....	44
CONCLUSÃO.....	60
BIBLIOGRAFIA.....	64

INTRODUÇÃO

O comportamento homossexual tem existido e sido discutido através de muitos séculos na história da humanidade e nas mais diferentes culturas. O tema da homossexualidade assume um papel de grande relevância nas produções das décadas de 70 e 80 no Brasil e nos países da América Latina, uma vez que durante os muitos anos de ditadura e opressão, a liberdade de expressão através das artes e mais especificamente da imprensa escrita, passa a ser vigiada e faz com que obras fossem proibidas por uma estrita censura. Havia também uma autocensura por parte dos escritores, já que o medo de tentar publicar algo questionável poderia chamar a atenção das autoridades controladoras da censura e conseqüentemente para eles próprios. E, em épocas ditatoriais, chamar a atenção das autoridades era algo que eles não almejavam. A proibição da censura atingia todo e qualquer tipo de produção que fosse contra a ideologia dominante na época da ditadura - a direita - e expressasse um caráter que se encaixasse em critérios que eram extremamente subjetivos e iam desde os aspectos ideológicos e políticos, até os relacionados aos costumes da época. Além disso, o ambiente extremamente católico e patriarcal no qual estes países latino-

americanos estavam inseridos reforçava os valores heteronormativos que condenavam não somente a subversão política, mas também manifestações homossexuais. Vale ressaltar aqui que nem tampouco a esquerda dava espaço para os homossexuais, que continuavam subjugados à permanência no armário. A cultura do macho se fortalecia neste ambiente católico, patriarcal e homofóbico e tinha como imagem o homem de exército, viril e forte.

Surgem assim no exílio e após as ditaduras livros como Os Solteirões (1976) de Gasparino Damata e Devassos no Paraíso (1986) de João Silvério Trevisan no Brasil assim como Pedro Lemebel no Chile e sua obra Manifiesto (Hablo por mi diferencia) (1986), produções que dão força a uma nova tendência literária e abrem portas para publicações que abrangiam partes da sociedade que eram marginais. Sendo assim, com a redemocratização iniciada no início dos anos 1980 na maioria dos países latino-americanos algumas obras que lidavam com o tema da homossexualidade começaram a ter aceitação na sociedade, ou simplesmente passaram a ter mais publicidade uma vez que podiam ser publicadas.

O presente estudo é baseado em duas obras de autores latino-americanos. A discussão das obras aqui trabalhadas será feita de acordo com a ordem cronológica dos períodos descritos nos respectivos romances e não na ordem

cronológica de suas publicações. O primeiro romance Stella Manhattan, publicado em 1985 por Silviano Santiago, relata a vida de um jovem homossexual brasileiro exilado em Nova Iorque no ano de 1969. E El beso de la mujer araña, publicado por Manuel Puig em 1976, retrata os dias que os personagens Molina e Valentín passam juntos em uma cela de uma prisão no ano de 1976, criando uma relação só possível no ambiente em que se encontravam. Como ambos romances descrevem as vidas de personagens homossexuais durante períodos ditatoriais tanto no Brasil como na Argentina, meu intuito é demonstrar que enquanto sob condições ditatoriais a expressão de liberdade política e sexual é extremamente oprimida, os personagens encontram um espaço onde eles podem se expressar. Para Eduardo/Stella, esse espaço não é somente a cidade de Nova Iorque, onde ele se mantém no armário no ambiente de trabalho, mas mais propriamente o espaço que ele encontra na comunidade da qual faz parte e onde ele pode se transverter. Já Molina, que dentro do espaço da cela da prisão se declara abertamente gay, encontra um ambiente propício onde pode expressar sua sexualidade e definir sua identidade. Assim sendo para o estudo destes dois romances nesta abordagem comparativa se faz extremamente necessária a compreensão do momento histórico-político pelo qual tanto Argentina quanto Brasil

passavam. Ambos os países eram governados por regimes ditatoriais que usando de uma rígida estrutura coerciva controlavam seus cidadãos.

Para embasar meu estudo, vou usar como apoio teórico as idéias de Michel Foucault não somente com relação ao controle que a sociedade e o governo exercem sobre os corpos, vigiando e disciplinando de maneira ainda mais explícita em momentos ditatoriais (Vigiar e Castigar); mas também de modo em como a preocupação em se definir e classificar a sexualidade traz à luz as chamadas sexualidades periféricas, que incorporam as perversões e caracterizam o homossexual como uma espécie (História da Sexualidade). Outro ponto a ser analisado aqui será a idéia de um exílio legitimado por questões de intolerância proposta por Denis Berenschot, juntamente com a visão proposta por Edward Said, onde em nosso tempo o exílio abarca aqueles que se encaixam no perfil de pessoas deslocadas da sociedade. Uma definição também relevante para a compreensão da obra de Puig é a que foi cunhada por Mario Benedetti para definir os momentos de exílios interiores em períodos ditatoriais nos países latino-americanos, ou o insílio, e a sua aplicabilidade nesta tese.

O romance Stella Manhattan de Silviano Santiago, publicado em 1985, no período de transição do fim da ditadura para democracia e eleições diretas, retrata uma abordagem de gênero mais livre de valores impostos pelos sujeitos hegemônicos. Com uma narração fragmentária e múltiplos personagens explicitando sua condição gay, a obra desconstrói todo o ambiente heteronormativo, mas ao mesmo tempo constrói uma nova identidade do sujeito subalterno.

A história gira ao redor de Eduardo ou Stella e se passa em Nova Iorque, Estados Unidos, terra da liberdade, onde todos têm agência para fazerem o que bem quiserem com relação à sua identidade sexual. A história se passa em 18 e 19 de outubro de 1969 em Nova Iorque; ao mesmo tempo no Brasil assume a presidência o general Médici da linha dura da ditadura militar diante da doença do general Artur da Costa e Silva. Assim como no Brasil, a subcultura latino-americana na qual o romance se desenvolve em Nova Iorque estava paranóica diante da possibilidade da presença de agentes duplos em busca de subversivos, algo que além de ameaçar a liberdade dos exilados engajados politicamente trazia o medo de estar sendo seguido a todos os demais.

Já em El beso de la mujer araña publicado por Manuel Puig em 1976 temos dois personagens que se encontram na prisão na cidade de Buenos Aires. A prisão não funciona

como um armário no qual muitas pessoas tinham que se manter em épocas ditatoriais, mas sim como um exílio, um exílio da realidade e que assegura a Molina mais segurança do que quando volta às ruas e acaba morto. Desse modo o local de exílio promovido pela cadeia é muito mais seguro do que a vida normal fora deste espaço. Por mais contraditório que possa parecer há mais libertação na prisão do que fora dela, e assim a prisão passa ser o refúgio de Molina que passa a viver uma vida que sempre sonhou.

APANHADO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Embora o termo homossexual não existisse e uso da palavra homossexualidade passasse a ser conhecido somente após a segunda metade do século XIX, as práticas sexuais do mesmo sexo têm uma sabida existência por milênios e têm sido chamadas como "amor grego" ou "amor socrático". Na Grécia clássica, ficou provada a presença de casais homossexuais de homens adultos através dos textos e desenhos nos vasos gregos encontrados. Pesquisadores tentaram explicar essa presença homossexual na vida grega como uma peculiaridade que advém do estilo de vida militarista adotado. Havia ritos de iniciação onde a sodomia e a pederastia prevaleciam:

Os solteiros possuíam o recurso da sodomia, uma prática que não era recriminada, mas, na verdade, um costume do país - e um costume no verdadeiro sentido, isto é, inteiramente sancionado pela sociedade masculina e universalmente praticado... Na verdade, considera-se essencial a um rapaz em crescimento que ele seja sodomizado. (Bremmer 13)

A pederastia se faz presente na história grega uma vez que os raptos (homens que se tornavam amantes e iniciadores dos rapazes) eram mais velhos e responsáveis pela passagem dos rapazes à vida adulta. O relacionamento não tolerava nenhum tipo de prazer do aspecto sexual por parte dos mais jovens, uma vez que o ingresso na vida adulta dependia do papel passivo dos mesmos neste ritual de iniciação. "No mundo grego, também o papel passivo, anal, em uma relação homossexual era considerado absolutamente inadmissível para um adulto" (Bremmer 25). Isso ocorria porque como as comunidades gregas eram muito pequenas, considerava-se extremamente necessário que todos os membros de sua sociedade assumissem a tarefa da procriação. Interessantemente naquela época havia uma sociedade onde homossexualidade e masculinidade não eram vistas como contrárias.

Roma se encontrava em uma situação similar a Grécia

mas com características mais particulares uma vez que não havia restrições nas leis ou na sociedade com base no gênero de cada cidadão. Vários imperadores romanos como Nero e Júlio César tiveram vários amantes entre homens e mulheres, fazendo com que a bissexualidade fosse bem comum naqueles tempos. Nas classes mais altas os escravos serviam aos seus donos também como artefatos sexuais, mas a sociedade romana condenava a relação sexual de uma pessoa de classe alta agindo de maneira passiva com uma pessoa de classe mais baixa. Assim como na Grécia, em Roma as relações sexuais seguiam uma ordem patriarcal e hierárquica, o homem penetrando a mulher, o homem mais velho penetrando o homem mais jovem e o cidadão penetrando o escravo.

Na Idade Média o Cristianismo já exercia grande influência na sociedade ocidental e com isso o prazer e o erotismo são abolidos da sexualidade. A castidade, a vida monástica e a abstinência sexual passam a ser popularizadas pelo cristianismo, assim como o caráter unicamente procriador do sexo. A sodomia, presente até o final do império romano é vista agora como um vício, e os castigos impostos antes mesmos da Inquisição eram pesadíssimos. Segundo Reay Tannahill as medidas que a igreja decidiu tomar mediante aos inúmeros casos de sodomia foram

penalidades prescritas que se tornaram extremamente complexas. Tudo era levado em consideração, a idade do transgressor fazia diferença, bem como sua ocupação; um monge era tratado com mais dureza do que um leigo. Também se levava em conta se o papel desempenhado fora ativo ou passivo, assim como a frequência da transgressão e sua extensão. Algumas variantes eram abomináveis. Se freiras tivessem feito uso de um *dildo* eram tratadas com extrema severidade, assim como os freis que houvessem tido intercuro homossexual incestuoso (Tannahill 170-71).

Na Europa Moderna a partir de meados do século XV, o cristianismo cristalizou certas crenças sociais e religiosas. A veneração à Virgem Maria crescia juntamente com o culto à virgindade entre as mulheres solteiras e a sexualidade era vista como servindo única e exclusivamente para um propósito, a reprodução. Qualquer desvio deste propósito era considerado uma aberração e um pecado. Quando Martim Lutero e João Calvino provocaram uma cisma entre o catolicismo e o protestantismo dentro do Cristianismo, e os protestantes viam a veneração aos santos e à Virgem Maria como uma idolatria pagã; ironicamente, embora condenasse a veneração dos católicos à Virgem Maria, o protestantismo enfatizava a virgindade para as mulheres não casadas e a importância do sexo somente para fins reprodutivos.

Por volta de 1869 começa-se a ver a homossexualidade como um tema de estudos, uma vez que para muitos era uma perversidade que devia ser controlada pelo Estado, ou até mesmo uma doença que deveria ser tratada. A homossexualidade não tinha espaço definido dentro da sociedade patriarcal, ficando renegada à segregação social e moral.

Michel Foucault em seu livro História da Sexualidade (1976) declara que a repressão tem sido uma ligação fundamental entre o poder, o conhecimento e a sexualidade desde a idade clássica, onde podemos melhor compreender até que ponto a sociedade ocidental estabeleceu a heteronormatividade como uma norma e a homossexualidade como "deviant" e como as ditaduras foram ainda mais duras sobre estes temas:

A whole series of discourses on the species and subspecies of homosexuality, inversion, pederasty, and "psychic hermaphroditism" made possible a strong advance of social controls into this area of "perversity"; but it also made possible the formation of a "reverse" discourse: homosexuality began to speak in its own behalf, to demand that its legitimacy or "naturalness" be acknowledged... (101)

Tomando como base as idéias de Foucault em seu livro Vigiar e Castigar, em tempos medievais a punição física prevalecia e em tempos mais modernos os cidadãos internalizam o medo da vigilância e se auto controlam, "And, in order to be exercised, this power had to be given the instrument of permanent, exhaustive, omnipresent surveillance, capable of making all visible"(214). Essa auto censura faz com que o armário seja a melhor opção para aqueles cidadãos que não podem expressar sua homossexualidade. Nosso corpo sofre um constante controle "The body...is caught up in a system of constraints and privations, obligations and prohibitions"(11). Deste modo todos estamos sendo constantemente disciplinados em nosso comportamento e atitudes, algo que se faz muito mais fortalecido ou exagerado durante os períodos ditatoriais. A obra de Foucault foi escrita sobre penitenciárias, e poderia ser utilizada no sentido literal, uma vez que Molina no romance de Puig se encontra em uma cela. Mas aqui é aplicada a como esta definição gera uma fuga dos padrões heteronormativos da sociedade, já que através da idéia do panótico nós somos sempre vigiados e não se pode expressar exatamente quem somos.

O controle da sexualidade que existia na sociedade patriarcal dá lugar aos abusos e exageros cometidos baixo a ditadura militar. Ainda de acordo com Foucault

Sexuality is not the most intractable element in power relations, but rather one of those endowed with the greatest instrumentality: useful for the greatest number of maneuvers and capable of serving as a point of support, as a linchpin, for the most varied strategies. (103)

Na América Latina dos tempos coloniais, a realidade com relação à heteronormatividade se impôs de forma compulsória com a chegada dos europeus e da religião católica. Os indígenas eram considerados canibais, sodomitas e idolatradores. De acordo com Severino J. Albuquerque, a condição de crime imposta aos atos homossexuais desde o Brasil colônia trouxe para as próximas gerações um inconsciente coletivo que é extremamente poderoso, como abaixo:

Treated by the Inquisition in colonial Brazil as a form of supreme transgression, sodomy (meaning, almost always, anal intercourse) and especially, same-sex sodomy, acquired a stigma combining sin and crime that remains indelibly imprinted on the Brazilian collective unconscious. (7)

Na primeira metade do século XX havia uma distinção entre o "penetrador" e o "penetrado", onde o "penetrador" era ainda considerado um "homem verdadeiro", um macho, enquanto o "penetrado" era considerado um ser diferente, "queer". Tal atitude diante do desenvolvimento deste tipo de comportamento é identificada fortemente no Brasil, o que poderia muito bem ser aplicado por toda a América Latina como relata Richard Parker:

As in other parts of the Latin world, these forms of speech in Brazil tend to develop a basic distinction between *atividade* (activity) and *passividade* (passivity) - between culturally defined "active" and "passive" roles during sexual interactions. (41)

Na Segunda Guerra Mundial, os nazistas mandaram os judeus juntamente com os homossexuais e outras pessoas que se encaixavam na categoria de comportamento inaceitável, para os campos de concentração e as câmaras de gás. Em outros países, os homossexuais sofreram formas mais sutis de discriminação e eles aprenderam a se autocensurar, mantendo-se no armário, ou em outras palavras não expressando publicamente suas opções sexuais.

Na segunda metade do século XX, já na parte mais "desenvolvida" do mundo ocidental começou o movimento de liberação gay ou de orgulho gay. Impulsionados pela luta

pelos direitos civis que tinham como válvula propulsora casos relacionados à raça, a questão de gênero se aflora e os direitos gays começaram a fazer parte desta discussão. Um marco importante para o início do movimento gay foi o caso "Stonewall" em 1969 no bairro reduto gay Greenwich na cidade de Nova Iorque. O bar "Stonewall" foi alvo de várias batidas policiais com muitas humilhações e prisões, o que resultou em uma rebelião onde os homossexuais reagiram e enfrentaram a polícia, contando com o apoio de passantes que ali se encontravam (Okita 35). Deu-se início então a um movimento de emancipação e liberação dos homossexuais, assim como o combate à homofobia.

Partindo da premissa de que ambos romances não haviam sido publicados ainda quando a AIDS se tornou uma doença que ameaçava os meios homossexuais, deveria-se simplesmente ignorar tal fato. Mas neste estudo, considero de extrema importância contextualizá-la para melhor compreensão do apanhado que aqui faço. A crise da AIDS tem seu ápice nos últimos anos da década de 1980 e cria um movimento conservador em relação aos avanços já alcançados através dos movimentos gays que surgiam. A explosão da doença traz consigo o estigma de que a homossexualidade era maldita e responsável pelo vírus, além de revelar comportamentos que ainda traziam forte influência da questão de ser ou não ser

homossexual típica dos países latino-americanos, como atesta João Silvério Trevisan.

A AIDS talvez tenha cumprido, além de outras numerosas funções, essa de borrar os enganosos limites entre o que é e o que não é atividade homossexual. Assim, numa reunião informativa sobre a doença, em São Paulo, um rapaz (naturalmente ansioso por se esquivar do estigma) declarou, a um repórter, estar ali por ter transado com um travesti; mas, dizendo-se heterossexual convicto, enfatizou ter sido ele o *ativo* na relação. (41)

Na maioria dos países da América Latina, a dicotomia entre o penetrado e o penetrador continuou a dominar. O penetrador manteve sua identidade de macho e o penetrado continuou sendo considerado como bicha, louca, viado. Segundo David Foster, na mentalidade latino-americana tradicional "...one is a homosexual only if one is penetrated by another man and if this condition of feminized insertee is marked by a public behavior characteristic of the *maricón* (queer, fag, fairy)" (Gay Histories and Cultures 718).

Como será discutido mais detalhadamente abaixo no desenvolvimento deste trabalho, nos momentos em que prevaleceu a ditadura na segunda metade do século XX em

muitos países latino-americanos, a opressão aos homossexuais se fez muito mais cruel e intensa.

APANHADO HISTÓRICO

Uma vez que os romances aqui analisados inserem seu enredo dentro de fatos reais da história do Brasil e Argentina, servindo como uma fonte mais verossímil e tendo como base relatos quase como testemunhos da época vivida, podem ser caracterizados como obras literárias que enfatizam o contexto sócio-histórico nos quais foram escritas.

E para uma melhor compreensão do período histórico na qual os dois romances estão inseridos, farei aqui uma breve retrospectiva histórica a fim de contextualizar melhor a época que eles retratam tanto no Brasil quanto na Argentina.

Brasil

Historicamente analisando o contexto no qual se encontrava o Brasil na década de 60, temos que retornar à década de 1950 para que seja possível uma compreensão mais ampla. A década de 50 se baseia nos governos populistas e nacionalistas de Getúlio Vargas, onde houve um grande

incentivo aos bens nacionais e fechamento das portas do país às empresas multinacionais. Posteriormente, Juscelino Kubitschek prometia um crescimento de "50 anos em 5" e abre o país para investimentos estrangeiros. Getúlio se mata em 1954 e põe fim a seu governo e Juscelino termina seu governo com uma altíssima inflação e uma forte dependência do Brasil aos Estados Unidos no início da década de 60. Jânio Quadros tendo como vice presidente João Goulart é eleito em 1961 e assume uma postura um tanto contraditória dizendo que iria combater o comunismo mas ao mesmo tempo condecora Che Guevara, que era um dos líderes da Revolução Cubana. Os líderes das Ligas Camponesas no Brasil juntamente com o presidente Jânio Quadros fizeram uma viagem a Cuba e voltaram mostrando grande influência da revolução cubana nos governos vigentes na América do Sul. A esquerda já insatisfeita com as atitudes tomadas pelo presidente passa a ver nele um forte elo entre o temível comunismo que se disseminava pelo mundo e a possibilidade de entrada deste mal no país. Deste modo, seu governo dura somente sete meses e em setembro de 1961 muito a contragosto dos ministros militares toma a posse João Goulart. Parte da oposição ao presidente João Goulart dá início à preparação do golpe militar a partir do dia de sua

posse. Segundo Severo Salles o golpe de 1964 aparece como uma tentativa de controlar futuras ameaças:

Ao mesmo tempo não negamos ao golpe de 1964 seu caráter de contra-revolução preventiva. Contra uma revolução que estava na imaginação de quase todos os atores - os partidários e os contrários a esta - ainda que não se constituísse uma possibilidade a curto prazo. (50)

Após o aumento das tensões sociais e uma crescente crise política, João Goulart para evitar uma possível guerra civil abandona a presidência em março de 1964 refugiando-se no Uruguai.

Os militares tomam o poder e a ditadura se estendeu de 1964 até 1985 através dos mais variados generais que caracterizaram esse período histórico do Brasil. De 1964 até 1967 o general Castello Branco dá início à ditadura militar com a dissolução de partidos políticos e a outorgação de uma nova Constituição. O general Artur da Costa e Silva governou de 1967 até 1969, e enfrentou a oposição ao regime com movimentos estudantis e greves de operários, além da formação de guerrilhas urbanas. É instituído em 1968 o AI-5 - onde se extinguiu o direito ao *habeas corpus*, fechava-se o Congresso, cassavam-se políticos e prendiam-se dissidentes - acabando com todas as

garantias pessoais. Uma junta militar assume a presidência e depois elege o general Emílio Garrastazu Médici que promove os anos mais duros da ditadura (1969-1974). Professores, políticos, músicos, homossexuais, escritores, artistas e todos aqueles que não se encaixavam no perfil de bom cidadão de acordo com o regime militar do país eram presos, torturados e exilados. "O golpe militar de 1964 tinha em suas entranhas um nem sempre teor nacionalista/xenofóbico que, aliás, a esquerda daquele período compartilhava com gosto... dos próprios militares que, ao provocar o exílio de inúmeros intelectuais, colocaram-nos em contato brutal com o *mundo*" (Trevisan 336).

De 1974 até 1979 o general Ernesto Geisel assume o governo implementando uma política lenta, gradual e segura de abertura rumo à democracia. Com isso, o próximo governo do general Figueiredo, de 1979 até 1985, acelera o processo da redemocratização, com a lei da Anistia e a volta do pluripartidarismo no país. A possibilidade de eleições diretas em 1985 muda o rumo da história política no Brasil.

No Brasil durante o período ditatorial a homossexualidade era vista como uma prática contra a moral e os bons costumes sociais. Deste modo, todos aqueles que expressassem sua opção sexual eram tidos como ameaça à

segurança da nação e por sua vez tinham que “desaparecer” da sociedade, seja este desaparecimento feito de forma forçada ou voluntária. Não existem provas concretas de que os homossexuais eram realmente alvo dos militares, uma vez que a maior preocupação era contra os dissidentes políticos. Podemos verificar que mesmo que os governos militares não desejassem guardar informações sobre esse tipo embaraçoso de perseguição, existem muitos indícios casuais de que os homossexuais foram de fato perseguidos. Uso de depoimentos pessoais do escritor João Silvério Trevisan em seu livro Devassos no Paraíso, para ilustrar o repúdio à homossexualidade cometido nos anos da ditadura.

Já desde agosto de 1978, vínhamos sofrendo, sob acusação de atentado à moral e aos bons costumes, um inquérito policial...solicitado pelo Ministério da Justiça. A carta da Polícia Federal solicitando o inquérito referia-se a nós editores como “pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais”, de modo que constituíamos casos situados - segundo os promotores - na fronteira da Medicina Patológica...No interrogatório, uma das primeiras perguntas feitas a vários dos editores era a confirmação do fato de serem homossexuais (346).

A Lei de Imprensa outorgada no Brasil em 1967 ajudou o governo ditatorial a reprimir as primeiras veiculações relacionadas à luta pelos direitos homossexuais no Brasil segundo João Silvério Trevisan. Não eram somente os políticos de direita e os setores mais conservadores da sociedade que se posicionavam contra os homossexuais. No Brasil, as mesmas donas-de-casa extremamente conservadoras que temiam o governo de João Goulart por seu tom comunista e marchavam "com Deus e pela família" não admitiam que seus filhos fossem gays. Nas Forças Armadas, a homossexualidade oficialmente não existia. Os grupos esquerdistas - socialistas ou comunistas - revelavam uma face anti-homossexual um pouco exacerbada caracterizando uma homofobia que inevitavelmente os atingia fruto da sociedade patriarcal na qual estavam inseridos.

Se partirmos do pressuposto de que o homossexual no período ditatorial tanto no Brasil quanto na Argentina é visto como um ser perigoso para a sociedade, podemos então traçar um paralelo entre a sobrevivência no exílio tanto de Eduardo em Nova Iorque quanto de Molina na cadeia em Buenos Aires.

Argentina

Nos anos anteriores a 1976 e com a tomada do governo por Jorge Rafael Videla, muitos eventos contribuíram para o

começo dos anos mais negros da história Argentina. No ano de 1955 durante o segundo governo de Juan Domingo Perón, o país se encontrava em um estado de caos devido às medidas autoritárias, similares às do fascismo italiano, um equilíbrio entre a Farda, a Igreja e o Sindicato. No dia 16 de setembro do mesmo ano as forças armadas destituíram Perón e no ano seguinte iniciou-se a Revolução Argentina instituindo uma das ditaduras mais longas do país. Esta ditadura esteve sob controle do governo entre 1956 e 1973, os anos anteriores do último governo de Perón. Durante estes anos uma série de militares ocupou o governo e a violência parecia não ter fim. Devido à condição em que o país se encontrava houve a decisão de se ter eleições presidenciais e com o regresso do exílio Juan Domingo Perón ganhou como presidente e sua nova esposa María Estela Martínez de Perón - conhecida como "Isabel Perón" - como vice presidente.

No país já consumido pelo caos, o retorno do partido peronista ao governo, faz com que se extremasse a oposição do mesmo contra todos os outros grupos do governo que haviam crescido e se fortalecido durante o tempo que Perón esteve em seu exílio. O evento que caracterizou a luta foi o massacre de Ezeiza em 20 de junho de 1973, quando Perón chega ao país após 18 anos de exílio. Várias pessoas

estavam no aeroporto à espera da chegada de Perón e um grupo de anti-peronistas escondido começou a atirar matando 13 pessoas e ferindo outras 365.

Um ano depois, em junho de 1974, o presidente Perón morreu e Isabel Perón passou a ser a primeira mulher presidente do país. A partir disso, membros proeminentes de diferentes grupos políticos foram assassinados por um governo que às vezes parecia mais ser controlado pelos conselheiros de Isabel do que por ela própria. No dia 5 de fevereiro de 1975, foi imposto o decreto mais agressivo que o país havia visto, convertendo-se em um evento monumental no início da chamada guerra suja. A Argentina se dividiu em cinco zonas militares onde as forças armadas tinham basicamente o poder de fazer o que eles achavam necessário para erradicar as atividades consideradas como subversivas. As condições se fizeram mais difíceis para a Argentina a partir deste momento e no ano seguinte de 1976 o inevitável ocorreu.

A partir da deposição da presidente Isabel Perón através de um golpe das forças armadas em 24 de março de 1976 o país entra em um dos mais brutais e sanguinários períodos de sua história.

Conhecida pela junta militar como "proceso de organización nacional" mas pelos opositores por "guerra

suja", o período ditatorial na Argentina se estendeu desde 1976 até 1983. E ficou caracterizado por sua delicada relação entre o governo e a população, além da incapacidade de se expressar abertamente nos anos de terror do regime.

A recuperação da democracia, a partir de 1983, após o desastre nacional causado pela guerra de soldados argentinos despreparados nas ilhas Malvinas contra os ingleses, teve de considerar um espantoso saldo de seqüestros, torturas e assassinatos por parte dos agentes estatais, quando os Direitos Humanos foram violados em larga escala. Estima-se em cerca de 30 mil o total de mortos e desaparecidos entre os que resistiram ao regime.

Assim como no Brasil, apesar de não ser tratada como uma questão política, o período que então se iniciava afetou diretamente os homossexuais, que eram perseguidos e tinham seus direitos cassados como afirma Hyro Okita. Denúncias de "conduta irregular" partiam também de cidadãos comuns, incomodados com o que quer que fosse diferente.

Na interpretação de Julia Romero para o período no qual os romances se encaixam temos o reforço da idéia que será desenvolvida aqui neste trabalho da condição de ser descartável que o homossexual possui na sociedade e ainda mais em tempos de crise e ditadura militar. Como ilustra a passagem a seguir:

Identities como la del homosexual y el izquierdista eran, para las lógicas autoritarias, una suerte de fantasmas, lo que una sociedad debía literalmente reprimir para evitar el malestar de su cultura, específicamente en una cultura del Orden que tuvo toda una tradición en el siglo XX argentino. (XXXVII)

EXÍLIO

O exílio em épocas ditatoriais foi uma possibilidade que alguns cidadãos tiveram que tomar diante da truculência imposta pelo Estado por todos aqueles que eram alvos do mesmo. Tanto no Brasil quanto na Argentina aqueles que foram exilados se encaixavam em uma das categorias - comunistas, homossexuais, ativistas políticos, etc. - que o governo militar e por vezes até a própria sociedade não os queriam como parte do mundo que eles acreditavam criar. O processo do exílio trouxe para todos os países latino-americanos que enfrentaram ditaduras questionamentos acerca de como o degredo pode redefinir a identidade daquele que é degredado. Como em sua maioria os exilados foram intelectuais, artistas, profissionais, políticos, escritores, homossexuais e grande parte da elite cultural dos países em questão, a desorientação, as dúvidas e as

angústias presentes no cotidiano do exílio promoveram uma grande avalanche de produção literária enquanto no ambiente do exílio. Além do mais, a censura não conseguia restringir o que estava sendo produzido fora dos países que sofriam com as ditaduras.

Os exilados que revivem a memória, a nostalgia, recriam outra realidade no passado - um passado que está cristalizado ou fossilizado em suas mentes - muitas vezes como uma analogia. Isso se faz presente em El beso de la mujer araña com o recontar de filmes que Molina usa como artifício análogo, para não só se aproximar de Valentín mas também reafirmar sua condição gay e seu ideal de representação feminina na sua identificação com as personagens. Logicamente temos que levar em conta que o que estou chamando de exílio representado em El beso de la mujer araña não se encaixa no padrão tradicional, como o que encontramos em Stella Manhattan onde Eduardo é retirado do seu convívio social no Brasil para se exilar em Nova Iorque. O tipo de exílio que achamos em El beso de la mujer araña é aquele que ocorre quando não se sai do país mas vive-se a ditadura e todos seus males. De acordo com alguns autores que escreveram sobre os períodos ditatoriais nos países latino-americanos, acato as definições do uruguaio Mario Benedetti que define este tipo de exílio como um

insílio, "...una experiencia particular latinoamericana de exilios interiores y exteriores en medio de feroces represiones políticas" (qtd. in Lecman 99). Assim como outro escritor uruguaio, Carlos Manuel Varela faz uma contraposição do exílio versus insílio como descrito abaixo:

El exilio, en cambio, era sinónimo de destierro, también significaba ser transplantado a viva fuerza a otro lugar, con todo lo que esto suele traer aparejado. El "insilio" fue un término que se acuñó durante la dictadura y que intentó expresar la situación de los que nos quedamos. Ese sentimiento de frustración y de encierro, de "exilio," en tu propio país. (qtd. in Puga 49)

No caso do romance de Puig, o insílio é representado por um lugar em que as liberdades estão restringidas, como uma cela de prisão onde se passa a maior parte do romance, e não somente o ato de ficar no país durante o período ditatorial.

Curiosamente, se no exílio se dá a redefinição, nos dois romances analisados o exílio de Eduardo e o insílio de Molina criam a possibilidade de uma nova realidade onde eles conseguem definir uma identidade diferente daquela que possuíam. Eles têm mais liberdade de serem quem são neste

ambiente de exílio/insílio.

De acordo com Edward Said o exílio de nossos tempos está mais relacionado com refugiados, imigração em massa e pessoas que são deslocadas de seu ambiente por diferentes razões:

But the difference between earlier exiles and those of our own time is, it bears stressing, scale: our age-with its modern warfare, imperialism, and the quasi-theological ambitions of totalitarian rulers-is indeed the age of the refugee, the displaced person, mass immigration. (174)

Contrariamente David Foster associa o exílio como uma busca mais individualizada "Thus... exile tends to occur in terms of the flight of individuals rather than as the sort of mass deportation or exile that we customarily associate with the concept of diaspora" (163).

Ainda usando a definição de Said, fica claro que o exílio envolve um descontínuo estado de ser, onde os exilados partem em busca de si mesmo, numa tentativa de juntar os pedaços e reconstruir essa pessoa que passa a não existir mais depois da quebra de sua história pessoal com o advento do exílio.

Because exile, unlike nationalism, is fundamentally a discontinuous state of being. Exiles are cut off from

their roots, their land, their past...Exiles feel, therefore, an urgent need to reconstitute their broken lives, usually by choosing to see themselves as part of a triumphant ideology or a restored people.(177)

Por mais contraditórias que as idéias explicitadas acima sejam ou pareçam, encontro a base para minha argumentação com relação à questão do exílio nos romances analisados. Tanto a definição de exílio de Said onde a pessoa deslocada da sociedade parte para um refúgio em massa, assim como a de Foster em que o exílio aparece como uma espécie de vôo individual, se unem no ponto também ressaltado por Said de que os exilados urgem a necessidade de reconstruir suas vidas. Com este paralelo traçado e com o apoio teórico de Said e Foster, posso dizer que o exílio de Eduardo no romance de Santiago e o exílio/insílio de Molina no romance de Puig podem ser melhor compreendidos na análise que farei das obras.

A perda da identidade era algo muito comum nas vidas daqueles que estavam no exílio, a ausência da pátria associada a uma falta de identificação e a imposição a uma nova cultura, levavam a uma busca da reconstrução dessa identidade perdida. Fato este que pode ser encontrado nos romances analisados, fazendo assim a compreensão da definição e a diferenciação do que seria exílio e insílio

de extrema importância para uma interpretação mais aprofundada dos romances que será feita no decorrer deste trabalho.

CONTEXTO LITERÁRIO

De acordo com Roberto González Echevarría e Enrique Pupo-Walker a produção literária da América Latina no momento pós *boom* procurava representar os setores marginalizados da sociedade, o que definiria a maioria da produção realizada nas décadas de 70 e 80 "In terms of aesthetics, there is a movement toward the marginal" (280). Assim sendo, os romances que representavam o sujeito homossexual refletem esse movimento literário que dava voz ao subalterno.

Quando questionados sobre o tipo de produção literária que estava sendo produzida nos países da América Latina, González Echevarría e Pupo-Walker atestam que:

The three clearest new currents in the Spanish American novel after the *Boom* are the documentary novel (novela testemunho), the historical novel, and the detective novel in its hard-boiled variant... Nevertheless the fourth major current (made up of many tributaries) could be given the heading: "A more

diverse image of Latin American experience." This would include a series of novels that break with Spanish American literary and historical stereotypes by giving voice to the experience of women, homosexuals, and Jews. (282)

Assim, ambos romances aqui analisados retratam esta quarta forma de escrita que engloba uma diversidade maior e quebra estereótipos dando voz àqueles que antes não a possuíam como os homossexuais.

CRÍTICA LITERÁRIA

Com relação à crítica literária que compare e contraste os dois romances que aqui são discutidos, cito "Dame un beso, mi amor": Configuración cultural del guerrillero en el pasaje de las políticas (El beso de la mujer araña de Manuel Puig y Stella Manhattan de Silviano Santiago) de Gonzalo Aguilar escrito em 2007 onde o contraste dos romances se faz baseado na crítica da figura do guerrilheiro que aparece como um herói. O autor reafirma que os relatos dos romances são de erotismo político e baseados na estética, ética e história. Ele utiliza a idéia de "tercer nacimiento" com relação ao desaparecimento e morte dos personagens principais. Nesta abordagem aqui

proposta os homossexuais são vistos como desprezíveis, já que desaparecem no final.

Em Anotações à Margem: Questões de Crítica Cultural nos Romances de Manuel Puig (El beso de la mujer araña), Silviano Santiago (Stella Manhattan) e José Cardoso Pires (Balada da Praia dos Cães) que Francisco Caetano Lopes escreveu como sua dissertação para a Universidade de Pittsburgh em 1989 faz-se um apanhado mais estilístico dos romances, com interesse técnico em teoria e linguagem e também em como a realidade é representada pela mídia, se existe alteração. Assim como em seu artigo "A questão da pós-modernidade vista da periferia" publicado em 1991, Lopes centra seu argumento em aspectos técnicos e teóricos dos romances que caracterizam o pós-modernismo e suas características estilísticas presentes nas obras que não serão abordados na presente tese de mestrado que tem uma aproximação de caráter mais sócio-histórico.

A crítica reconhece a importância da temática homossexual na obra de Puig e segundo Foster em seu livro Handbook of Latin American Literature, a posição de Puig com relação aos indivíduos marginalizados tem uma característica marcante em suas obras:

Another hallmark of Puig's work is a disturbingly vivid evocation of the unease felt by isolated individuals, especially those who feel marked off from society because of their sexuality. During the latter part of his career, the author became increasingly bold in the presentation of gay characters and gay life (38-39).

Já David Foster descreve o homoerotismo presente na obra de Puig assim como a definição de políticas de identidade sexual no contexto latino-americano, além de fazer uma clara associação com a liberação política intimamente relacionada com liberação sexual.

In the first place, he viewed homoeroticism as a free-floating erotic pulsation of the body that led the individual into all sorts of erotic combinations. Second, Puig rejected the identity politics characteristic of modernity, whereby individuals were obligated to cultivate fixed declarations of cultural and political affiliation. Moreover, as part of the rejection of the latter configuration, Puig underscored the eminently feminist principle whereby the "personal is political", and he was one of the first Latin American authors to demonstrate how projects of erotic transgression were intimately

related to projects of prerevolutionary politics. In the context of the Latin American macho left of the 1960s and 1970s (typified by the swaggering military machos Fidel Castro and Che Guevara, who was an Argentine), Puig sought to underscore how political liberation meant nothing if it did not bring with it personal, including sexual, liberation. (Gay Histories and Cultures 718)

Michael Dunne, em seu trabalho sobre o romance de Puig afirma que existe uma polifonia discursiva muito forte presente na obra. Esta polifonia¹ se demonstra através dos filmes que Molina reconta, dos boleros que canta, das cartas que ele escreve para Valentín e que Valentín recebe de uma companheira de luta e através das notas de pé de página. Artifícios estes que auxiliam a retratar a

¹Esta definição de polifonia no seu trabalho advém do termo cunhado por Mikhail Bakhtin em sua obra *Problems of Dostoevsky's Poetics*, onde esta pluralidade de vozes aparece como

Dialogism argues that all meaning is relative in the sense that it comes about only as a result of the relation between two bodies occupying *simultaneous but different* space, where bodies may be thought of as ranging from the immediacy of our physical bodies, to political bodies and to bodies of ideas in general (ideologies). (20-21)

repressão política e sexual na qual o romance estava inserido. "Therefore, discursive polyphony operates within the action of the novel, within the footnotes, and between the footnotes and the main text to suggest that political and sexual repression are two aspects of the same social conditions" (129).

Em Stella Manhattan, a crítica Luiza Lobo por sua vez afirma que a produção de Silviano Santiago traz para a literatura a importância de experiências pessoais em detrimento de ideologias políticas, e deste modo relata como os personagens do livro privilegiam suas vidas, aventuras e diversão em função de qualquer atividade que estivesse relacionada com a causa política. "...Silviano Santiago crossed frontiers of country and sex and ... Personal experience became more important than the defense of ideologies" (147). Curiosamente, Eduardo é exilado mas não comete nenhum ato que o relacione com um militante de esquerda e sua ideologia. Fazendo uma comparação com o romance de Puig, Molina se encontra na cadeia por conta de suas experiências pessoais relacionadas à sua opção sexual e a partir do momento que sai da cadeia, dá início a um envolvimento ideológico impulsionado pelo ativista político Valentín.

Segundo Lopes o que se encontra no romance "é a construção de um espaço físico de prazer e expansão... e o corpo adquire uma função capital no romance" ("A obra de Silviano Santiago" 193). Com isso, o fato de que Eduardo/Stella se traveste e sai em busca de algum dinheiro em troca de sexo mostra o lado mais explícito da afirmação supra citada. Assim como o fato de que seu corpo também tem valor para aqueles que queriam acabar com ele, seja por qual motivo fosse, aumenta ainda mais essa função capital do corpo.

No ambiente da cidade de Nova Iorque realmente se dá a construção desse espaço que além de funcionar como o exílio real de Eduardo, é o local onde ele busca prazer mas também expande seus contatos e vive como exilado. As condições sociais impostas pelo ambiente de exílio em Stella Manhattan e o insílio em El beso de La mujer araña retratam a repressão pela qual passavam os personagens, mas que também tiveram algo de libertador enquanto à condição identitária dos personagens.

O paradoxo no romance El beso de la mujer araña aparece enquanto Molina e Valentín têm suas mobilidades físicas limitadas no espaço da cela de prisão, a habilidade que eles têm de expressarem suas opiniões políticas e diversidades sexuais são livres de qualquer julgamento.

Assim sendo minha análise do romance será feita tendo como base a dualidade da cela da prisão como lugar de insílio e também onde se adquire certa liberdade de expressão, a mesma liberdade que Eduardo alcança no exílio na cidade de Nova Iorque em Stella Manhattan.

ANÁLISE TEXTUAL

Silviano Santiago

Silviano Santiago nasceu em Formiga, Minas Gerais, em 29 de setembro de 1936. Aos dez anos, sua família se mudou para Belo Horizonte. Em 1954, começou a escrever para uma revista de cinema. Em 1955, ajuda a idealizar e publicar a revista Complemento. Em 1959, formou-se em Letras Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais. Sua estréia literária em livro se dará com o livro 4 poetas, em parceria com Affonso Romano de Sant'Anna, Domingos Muchon e Teresinha Alves Pereira.

No Rio de Janeiro, começa a se especializar em literatura francesa, o que o levará ao doutorado na Universidade de Paris, Sorbonne em 1961. Santiago apresenta de Paris sua candidatura ao posto de "instrutor" na Universidade do Novo México, em Albuquerque, entre os anos 1962 a 1964. Em 1969, publica em Nova Iorque a antologia

Brasil: Prosa e Poesia. Santiago passa também pelas Universidades de Rutgers, Toronto, New York, Buffalo e Indiana. No Brasil, ensinou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense. Ajudou na criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada e é introdutor no país das idéias do pensador francês Derrida. Ele foi ganhador do prêmio de literatura Jabuti por três vezes com suas respectivas produções Liberdade em 1982, Uma história de família em 1993 e Keith Jarret no Blue Note em 1997. O escritor continua com sua intensa produção agora mais como ensaísta, mas seu romance Heranças de 2008 teve grande repercussão literária. Nunca ficou clara sua opção sexual, mas muitos o consideram homossexual. Curiosamente, Santiago nunca foi um exilado político mas recria o ambiente de exílio no romance Stella Manhattan.

Stella Manhattan

O personagem principal do romance Stella Manhattan tem o nome de Eduardo Costa e Silva, e faz uma alusão direta ao general que governava o Brasil em 1969. "Por causa de seu sobrenome, Eduardo era parente próximo (filho, diziam uns, sobrinho ou neto, apostavam outros) do ex-presidente da República" (21). A época na qual se passa a história tem o

general Médici assumindo o poder da ditadura militar definindo um dos períodos mais duros da mesma. Eduardo, conhecido por Stella Manhattan quando travestido, vive em Nova Iorque depois de ter sido enviado para lá por sua família a fim de evitar maiores problemas com o regime militar. Ele trabalha no consulado brasileiro e a noite se traveste para liberar seu lado homossexual contido durante o dia. Tem como amigos na cidade Paco, um cubano conhecido por La Cucaracha, o guerrilheiro Marcelo que também se traveste como Marquesa de Santos e o coronel Viana que também é conhecido por Viúva Negra por suas opções sadomasoquistas. Todos eles vivem e circulam por esse universo homossexual na cidade.

Eduardo começa a sofrer ameaças dos grupos de guerrilheiros e militantes políticos oponentes à ditadura que estavam exilados em Nova Iorque devido à sua ligação com Viana, que possivelmente seria um agente infiltrado para delatar os parceiros. Durante a obra temos várias passagens em que a desconfiança com relação a Eduardo se faz explícita e iniciam-se os conflitos com alguns integrantes do seu grupo de convivência. Ao final temos o desaparecimento misterioso de Eduardo satisfazendo tanto a Viana, que havia sido descoberto por manter um apartamento para encontros sexuais associado ao nome de Eduardo e tenta

convencê-lo a alegar ser um ajudante do SNI (Serviço Nacional de Informações), quanto aos grupos militantes e guerrilheiros que o pressionavam. Não sabemos realmente se ele morre.

Manuel Puig

Manuel Puig nasceu dia 28 de dezembro de 1932, em General Villegas, província de Buenos Aires, Argentina. Sua precoce paixão por filmes teve início por volta de 1936. Em 1946 se muda para Buenos Aires para a escola secundária graças a seu ótimo desempenho como aluno. Em 1950 começou a cursar a faculdade de arquitetura e um ano depois se transferiu para o curso de Filosofia e Letras. Em 1956, ele ganha uma bolsa de estudos para estudar cinema em Roma. Em 1963 se muda para Nova Iorque onde começa escrever seu primeiro romance La traición de Rita Hayworth. Volta mais uma vez a Argentina em 1967 e começa a enfrentar problemas com a censura da ditadura militar. Em 1973, devido à situação política com Perón no governo, Puig se vê obrigado a se exilar no México. Ele se muda para Nova Iorque em 1976, onde publica o livro El beso de la mujer araña que havia sido proibido pela ditadura militar recentemente instalada na Argentina segundo afirmam Jorge Panesi, Julia Romero e Graciela Goldchluk. Durante seu exílio teve

problemas com os intelectuais argentinos por sua falta de comprometimento ideológico e político, quando na verdade Manuel Puig estava profundamente comprometido com outra causa: a liberdade sexual e individual de acordo com Cintia Musina.

Em 1980 se radica no Rio de Janeiro, Brasil. Em 1985 fez a adaptação para o cinema do livro El beso de la mujer araña que foi filmado por Héctor Babenco. Em 1989 deixa o Brasil retornando ao México, onde Manuel Puig morre em 22 de julho de 1990 de parada cardíaca após uma cirurgia na cidade de Cuernavaca. Assim como especula-se sobre Santiago, nunca se soube se Puig era homossexual, mas existem boatos de que sua real causa de morte tenha sido relacionada a AIDS. Interessantemente Manuel Puig retrata a vida de seus personagens na Argentina durante o processo de ditadura militar, enquanto ele próprio viveu no exílio para fugir de problemas com a censura que afetavam diretamente os intelectuais e artistas da época.

El beso de la mujer araña

O livro El beso de la mujer araña é o relato do convívio de dois prisioneiros que estão na cadeia em Buenos Aires, Argentina no ano de 1976. Molina é um homossexual que é preso por tentar seduzir um menor de idade e divide a

cela com Valentín que é um ativista do movimento contra a ditadura. Molina visando obter um indulto e sair da cadeia colabora com os oficiais na tentativa de conseguir informações sobre os planos e os comparsas de Valentín fora do ambiente carcerário. A história se desenvolve contando com o apoio da descrição de vários filmes que Molina faz a fim de diminuir a espera dos dias que se passam. E segundo Hosun Kim faz-se necessária a presença de um agente mediador que é explícito no romance nos momentos em que Molina usa os artifícios do cinema e da música para capturar a atenção de Valentín:

...el objeto del deseo de Molina gira en torno de su afán por llegar a convertirse en mujer a través de la reproducción de la imagen estereotipada que de lo femenino le han ofrecido los medios masivos de comunicación - la música y el cine - y la tradición de la sociedad...las estrategias para lograrlos requieren necesariamente de un agente mediador. (100)

No decorrer do livro a posição de Molina varia de um ser submisso e passivo que se intitula como mulher e faz o papel de servir Valentín, a um sujeito de agência que manipula o oficial de polícia a seu favor e decide entrar em contato com os ativistas de guerrilha. Além disso, em várias passagens do livro Molina se autodenomina "loca",

expressão usada no jargão dos homossexuais para representar um homem que notoriamente já saiu do armário e tem atitudes afeminadas. Com essa tentativa do autor de encontrar uma explicação para o possível comportamento de Molina, uma característica importante do romance é a presença de várias notas de pé de página fazendo referências científicas às origens físicas da homossexualidade, com o intuito de auxiliar o leitor na compreensão do personagem.

Com toda a criação do personagem de Molina e estratégias para ajudar na compreensão do mesmo, no decorrer do romance já é esperado o envolvimento dos dois personagens. Assim sendo, Molina passa a querer ajudar Valentín ao invés de delatá-lo uma vez que Molina exercia o papel de espião de Valentín dentro da cela. Deste modo, Molina ao sair da cadeia, inicia seus contatos com o grupo de Valentín. A saída de Molina da cadeia é um momento no livro em que, obviamente, fica claro para nós leitores o sentimento de amor que ele nutre por Valentín e a verdadeira intenção de ajudá-lo quando fora de lá. Mas ao mesmo tempo, ele está sendo vigiado e monitorado pelos policiais que desconfiavam de seu envolvimento com Valentín. Nesta tentativa de manter contato com os companheiros de guerrilha de Valentín, ele é perseguido pela vigília e os leitores não têm conhecimento se ele sabe

disso ou não. Devido a essa decisão de se envolver com os companheiros de Valentin, Molina é morto pelos próprios comparsas de Valentín que acreditavam ser ele um traidor ou delator, dezesseis dias depois de sair da prisão.

COMPARAÇÃO E CONTRASTE: Homossexualidade e Exílio

Como introduzido anteriormente, os homossexuais na sociedade patriarcal internalizaram o tabu da homossexualidade, e deste modo eles se auto controlam permanecendo no armário. Além disso, sob o controle da ditadura, a vigilância e a disciplina se tornam mais explícitas e mais violentas, assim, os homossexuais se fecham ainda mais dentro de seus armários, ou vão para o exílio. Daí a necessidade de encontrar um refúgio, que se manifesta através do exílio que passa a proporcionar essa fuga do controle exercido pela sociedade que está sempre na vigília. No caso dos romances estudados a vigília sobre o outro se faz muito mais extrema do que aquela que ocorria em sociedades patriarcais tradicionais, já que as ditaduras militares instigavam essa característica de controlar e vigiar as vidas alheias em busca dos opositores ao regime. O castigo que é gerado é o castigo dos corpos uma vez que

não são possessões próprias porque as autoridades os detêm através do controle que exercem vigiando-lhes.

O controle do corpo na obra Stella Manhattan é explicitado com o desaparecimento do protagonista, que acontece por duas vezes, na primeira quando ele desaparece do seu convívio social no Brasil para se exilar forçosamente em Nova Iorque, e por uma segunda vez com seu desaparecimento não explicado que ocorre ao final do romance. Existe uma possível morte que não sabemos ser real ou um truque para que Eduardo pudesse escapar ileso a tudo, diante de um possível envolvimento com os delatores da ditadura.

No romance Stella Manhattan o papel do homossexual está diretamente ligado àquele que se traveste e sai em busca de prazer ou dinheiro para sua sobrevivência. Don Kulick observa que no Brasil,

...travesties, the ones that most Brazilians only glimpse occasionally standing along highways or on dimly lit streets corners at night or read about in the crime pages of their local newspapers, comprise one of the most marginalized, feared, and despised groups in Brazilian society. In most Brazilian cities, travesties are so discriminated against that many of them avoid venturing out onto the street during the

day. They are regularly the victims of violent police brutality and murder. (575)

Judith Butler distingue entre a opção de travestir-se e ser homossexual: "Thus, it is important to underscore that drag is an effort to negotiate cross-gendered identification, but that cross-gendered identification is not the exemplary paradigm for thinking about homosexuality, although it may be one" (235).

Assim sendo, em Stella Manhattan pode-se classificar Eduardo como homossexual e também travesti que sente prazer em se travestir de mulher, quando vira Stella, para sair pelas noites em busca de alguém. Eduardo-Stella usa a opção de travestir-se não somente por prazer mas também por dinheiro "... e com o copo procura o copo do outro que, visivelmente constrangido, silencia, enquanto Stella de Fada Santoro, franjinha na testa, bem a caráter lhe pergunta" (180) e "Eduardo pede um scotch and soda e paga, enquanto Stella pensa *Hoje embolsa cinqüenta dólares. Desse jeito logo, logo chega a cem*" (188). Revela-se então essa dupla personalidade do homossexual e do travesti, onde um age mais socialmente e o outro mais instintivamente. A condição homossexual, mesmo que mantida dentro do armário, era percebida por todos que trabalhavam com Eduardo, enquanto o ser travestido se revelava no convívio íntimo da

comunidade na qual fazia parte e nas noites em que procurava prazer.

A intolerância à diferença sexual se dá primeiramente quando Eduardo em Stella Manhattan é mandado para Nova Iorque por seu pai para que pudesse sair do Brasil na época mais dura da ditadura e assim fizesse com que o problema de sua opção sexual não estivesse mais ao alcance de seus olhos:

...Eduardo nunca tinha escrito para os pais, também nem uma palavra se quer tinha recebido deles. No início, ficou sem jeito, não sabia o que escrever e como, e se escrevesse o que pensava nem era bom pensar, briga na certa, mal-agrado, ingrato egoísta pra cá e daí por diante; depois achou que não mereciam uma linha, tinham agido com ele como se fosse um cachorro, nem a um vira-lata teriam feito o mesmo, *...Me arrancaram da vida deles como se fosse uma casca de ferida. Cabe a mim fazer o mesmo. Chorar mais é que não vou. Nem lamentar. Já era.* (42-43)

Em Stella Manhattan temos uma passagem que poderia justificar o porque da atitude tomada pelos pais de Eduardo, que temerosos mandam o filho em um exílio forçado. Pode-se inferir, uma vez que não está explícito, que ele havia revelado algo relativo a sua opção sexual durante o

carnaval que poderia trazer problemas sociais para a família em uma época de ditadura militar:

... e a sua cabeça volta a flutuar como corpo de carne e osso pelo apartamento dos pais no início de 68, logo depois do carnaval, e vê a si mesmo deitado na cama e trancado no quarto por dois meses, execrado pelos pais que não queriam aceitá-lo como filho depois do que tinha acontecido, do escândalo felizmente abafado por amigos influentes da família. (25)

A cidade de Nova Iorque na obra Stella Manhattan acaba favorecendo uma maior liberdade de expressão e de viver quem ele realmente sente ser, como expressado na fala de Paco seu amigo cubano:

Nova Iorque era o paraíso na terra, tú no puedes imaginar, chico, hay de lo bueno y de lo mejor.....Depois de passar pelo Village, suas praças, ruas e bares, e mais outras ruas e o cais do porto, con los camioneros, una maravilla durante el verano....no capítulo dos cinemas, cuidado, mas muito cuidado mesmo com os da rua 42..... (35)

Essa liberdade que Eduardo/Stella encontra em Nova Iorque onde forma sua comunidade ocorre até o momento que o medo e a repressão da ditadura seguem ele e chegam até ele na

forma do coronel Viana, das ameaças que começa a receber e das suspeitas que recaem sobre ele.

Interessantemente, a liberdade encontrada neste espaço do exílio abre lugar para uma espécie de exílio dentro do exílio, como discutirei mais a fundo ainda nesta seção. Sendo assim, a prática bem comum no meio homossexual de freqüentar locais onde pode-se realizar desejos anonimamente, funciona como esse outro local de liberdade. No caso do romance Stella Manhattan os locais apropriados para gays ilustram o ambiente livre dentro da cidade de Nova Iorque:

Perguntou a Eduardo se já conhecia los sitios de atraco em Manhattan. Eduardo não entendeu a expressão em español e ficou com cara de tacho esperando o resto da conversa para ver se adivinaba o sentido....Sitios de atraco,tú me entiendes? Eduardo assentiu com a cabeça e Paco deu uma gostosa gargalhada de alívio trazendo de volta para a sala a espontaneidade cucaracha. *Lugares de Pegação*, Eduardo compreendeu em silêncio e depois em voz alta.(34-35)

Iniciando a análise de El beso de la mujer araña torna-se importante estabelecer o espaço onde a ação se desenvolve na quase totalidade do romance - uma cela de prisão. Assim sendo encontra-se no romance um documento

oficial do Ministério de Interior da República Argentina para informar ao leitor da pena de Molina relatada *ipsis litteris* como descrita abaixo:

Procesado 3.018, Luis Alberto Molina.

Sentencia del Juez en lo Penal Dr. Justo José Dalpierre, expedida al 20 de Julio de 1974, en El Tribunal de la Ciudad de Buenos Aires. Condena de 8 años de reclusión por delito de corrupción de menores. Aposentado en Pabellón B, celda 34, el dia 28 de Julio de 1974, con procesados amoraes Benito Jaramillo, Mario Carlos Bianchi y David Margulies. Transferido el 4 de abril de 1975 al Pabellón D, celda 7 con preso político Valentín Arregui Paz. Buena conducta. (131)

A prisão em El beso de la mujer araña funciona como um local onde não há o armário dentro do qual muitas vezes os homossexuais têm que se manter para sobreviverem na sociedade. Neste exílio da realidade Molina tem assegurado mais segurança do que quando volta às ruas e acaba sendo morto. Desse modo o local de insílio promovido pela cadeia é muito mais seguro do que a vida normal, quando ele está integrado à sociedade. Há mais libertação na prisão do que fora dela, e assim a prisão passa ser o refúgio de Molina que diante da eminente ameaça de sair dela e deste espaço de exílio/insílio se vê ameaçado e temeroso por seu destino

e divide com Valentín seu sofrimento.

- Molinita, hay que conformarse. Te sacaste la loteria, de que te dejaran salir. Estate contento con eso. Afuera vas a poder empezar de nuevo.
- Yo quiero quedarme con vos. Ahora lo único que quiero es quedarme con vos. (232)

Sendo assim tanto o exílio real de Eduardo em Stella Manhattan quanto o encerro físico e o exílio psicológico de Molina em El beso de la mujer araña são representações desta *displaced person* que Said explicita em sua definição de exílio em nosso tempo já discutida acima. Esse deslocamento é explicitado no romance de Santiago quando o aparente delator Viana escreve aos pais de Eduardo lamentando seu desaparecimento e descrevendo o mesmo:

O Eduardo era certamente, pelas muitas razões que vocês sabem e que vocês julgaram que eu também devia saber, porque as compartilham comigo, era um rapaz problemático, como aliás muitos dos nossos jovens de hoje, influenciados por tudo o que há de mais pernicioso na sociedade permissiva que a contragosto estamos legando aos mais novos. (265)

Retomando o assunto do exílio que é tema recorrente tanto em Stella Manhattan quanto em El beso de la mujer

araña temos o primeiro capítulo dos romances já se desenvolvendo neste espaço onde os dois protagonistas homossexuais começam a se definir. A definição do espaço de exílio se dá juntamente com a apresentação de Stella ao invés de Eduardo, dando sinais de uma liberdade não imaginada fora deste espaço "Stella Manhattan cantarola a canção enquanto abre a janela da pequena sala do apartamento em que mora, e logo em seguida respira o ar frio e poluído da manhã de outubro em Nova Iorque" (11). Assim como através do diálogo entre Molina e Valentín identificamos o lugar onde se encontram como uma cela em uma prisão que também funciona como lugar de exílio por mais contraditório que pareça, mas não somos imediatamente apresentados ao personagem homossexual. Através do diálogo percebemos que ambos personagens se encontram em um lugar onde possuem privação de liberdade e são vigiados e controlados:

- Perdoná...? hay agua en la garrafa?
- Sí, la llené yo cuando me abrieron para ir al baño.
- Ah, está bien entonces.
- ¿Querés un poco?, está linda, fresquita.
- No, así mañana no hay problema con el mate. Seguí.
- Pero no exageres. Nos alcanza para todo el día.

- Pero vos no me acostumbres mal. Yo me olvidé de traer cuando nos abrieron la puerta para la ducha, si no era por vos que te acordaste después estábamos sin agua. (14)

Assim sendo, constatamos em ambos romances um fator que direciona a descrição dos personagens principais no desenrolar das histórias: inicialmente Molina e Eduardo não demonstram nenhum envolvimento político, mas no decorrer dos romances o envolvimento político ocorre mesmo que alheio à vontade própria dos mesmos. Como quando Molina por envolvimento amoroso com Valentín decide ajudar a causa revolucionária e Viana pede a Eduardo que diga aos policiais do FBI ter ajudado um agente do SNI, envolvendo-o com questões políticas.

Os homossexuais retratados no romance Stella Manhattan e El beso de la mujer araña apresentam algumas implicações que advém das idéias proferidas por Foucault como já explicitado acima. Idéias estas que se apóiam na necessidade de se definir com base na identidade sexual e em uma auto censura que delimitava as condições de gênero.

A tentativa de encontrar uma identidade na qual o personagem pudesse se encaixar é bem disposta através da definição de David Foster que pode ser usada no auxílio

para se explicitar a situação encontrada no romance aqui analisado:

Undoubtedly, so-called homosexuals, whether identified because of the way in which they construct themselves sexually or because of the way in which they comport themselves as a projection of their (mis)identity as regards sexual gender or because of their affiliation with determined erotic practices, end up marginalized to one degree or another in accordance with the visibility of their dissidence and the degree of tolerance of the society in question.(165)

No contexto da obra de Santiago, a liberdade aparece a partir do momento em que Eduardo passa a viver em Nova Iorque e tem a possibilidade de ser quem quer. Mesmo suspeitando e no decorrer do romance tendo provas concretas de que está sendo vigiado, e ser suspeito de estar atuando como um delator, ele ainda mantém sua liberdade de fazer ou ser quem queira.

Já em Puig, a liberdade do personagem Molina só acontece no ambiente onde ela é mais restrita, a cadeia. Por mais irônico que possa parecer, é na cela que divide com Valentín que ele encontra algum espaço de liberdade de expressão e de viver um amor mesmo que unilateral. Assim, essa possibilidade de uma certa liberação em um ambiente

que é extremamente vigiado, faz com que sua identidade de homossexual seja reforçada e até mesmo mais livre do que no ambiente fora da cadeia.

Outro fato que corrobora a idéia de que Molina encontra maior liberdade e sua verdadeira identidade dentro do ambiente do qual menos se poderia esperar isso, vem justamente das palavras de Roberto Echevarren que faz uma leitura dos personagens de El beso de la mujer araña:

...en las posiciones que ocupan ciertos personajes masculinos - "los comodines" - una cierta ambigüedad o doblez frente al género sexual, esto implicaría ya una primera forma rudimentaria de fluidez en las identidades. Este proceso de fluidez, que llama "vaporización", se reconstruye y se lee enteramente cumplido en Molina...(qtd. in Panesi XXVI)

Encontramos a presença de subculturas clandestinas nos centros urbanos que criavam espaços que funcionam como exílios dentro de exílios, e assim podia-se realizar ou satisfazer todos os desejos dos personagens homossexuais presentes no romance. Em Stella Manhattan essas subculturas que caracterizavam o exílio dentro do exílio podem ser identificadas na comunidade da qual Eduardo fazia parte assim como nos "lugares de pegação" que os homossexuais freqüentavam. Judith Butler discute essa mesma associação

de um tipo de comunidade travesti ou gay funcionando quase como uma família, onde as *drag queens* formam casas com mães e filhos, quando se refere ao filme "Paris Is Burning" que fala sobre os bailes de drags onde a maioria delas são latinos ou afro-americanos.

What becomes clear in the enumeration of the kinship system that surrounds the ball is not only that the 'houses' and the 'mothers' and the 'children' sustain the ball, but that the ball is itself an occasion for the building of a set of kinship relations that manage and sustain those who belong to the houses in the face of dislocation, poverty, homelessness. These men 'mother' one another, 'house' one another, 'rear' one another, and the resignification of the family through these terms is not a vain or useless imitation, but the social and discursive building of community, a community that binds, cares, and teaches, that shelters and enables. This is doubtless a cultural reelaboration of kinship. This is not an appropriation of dominant culture in order to remain subordinated by its terms, but an appropriation that seeks to make over the terms of domination, a making over which is itself a kind of agency, a power in and as discourse, in

and as performance, which repeats in order to remake and sometimes succeeds.(136-37)

Se estas comunidades tinham o caráter protetor onde os homossexuais se sentiam em segurança, fora delas o preconceito e a ameaça eram persistentes. O sumiço de Eduardo em Stella Manhattan revela essa vulnerabilidade fora do ambiente seguro das comunidades das quais fazia parte e são apresentadas várias opções relacionadas à seu desaparecimento. Uma delas de acordo com o FBI: "Termina por dizer que as investigações seguiam um bom rumo, até que Mr. Silva desapareceu misteriosamente algumas horas atrás. Desapareceu do apartamento, deixando ainda por cima a porta da frente aberta" (247). Outra versão surge de suas colegas de trabalho "Dizem que foi raptado no próprio apartamento, isso é o que dizem, raptado pelos colegas de aparelho" (261). Outra possível versão de que ele teria sido um delator em favor da ditadura no Brasil e sumiu por ter entregado vários brasileiros atuantes de esquerda que agiam em Nova Iorque:

Boa bisca ele não era. Vocês mesmos estão de testemunha, na hora do pega pra capá, não deu outra se mandou o puto. Uma vizinha me diz aqui dentro que foi ele que denunciou a gente. Estou vendo que vocês não acreditam, pensam que o cara é inocente, que sou eu

que estou ficando pinel, tudo bem. Mas quem é que pode me dizer quem que do outro lado podia saber da gente tanto quanto sabia quem entregou a gente?... Numa hora dessas o puto já fez operação plástica, mudou de identidade, quem é que vai reconhecer ele tomando banho de sol numa ilha do Pacífico. (263)

Ainda fazendo referência ao desaparecimento de Eduardo faço uso das palavras de Karl Posso com relação a Stella Manhattan mas que podem muito bem ser aplicadas aos dois romances. Posso enfatiza o caráter desprezível do homossexual na sociedade e a necessidade de se expeli-lo da comunidade. "...the social inscription of the homosexual as a waste, as that which cannot be accommodated along either of the two axes (masculine or feminine) and should therefore be expelled from the community..."(24).

Já em El beso de la mujer araña o castigo se materializa na forma mais cruel, a morte de Molina sendo assassinado, como descrito nos relatos fornecidos pelos oficiais que estavam fazendo sua vigia depois de ter saído da prisão.

Salió a las 18.40, tomó en Callao un colectivo hasta Congreso donde tomó el tren subterráneo hasta estación José María Moreno. Caminó hasta Riglos y Formosa. Allí esperó treinta minutos, el espacio de tiempo ordenado

por la Dirección para detenerlo en caso de que antes no viniera nadie a su encuentro, y proceder a interrogarlo. Los dos agentes de la CISL, ya en contacto con la patrulla, procedieron a la detención. El procesado exigió que le mostraran credenciales. En ese momento dispararon desde un auto en movimiento, cayendo heridos el agente Joaquín Perrone, del CISL, y el procesado. La llegada de la patrulla, pocos minutos después, no logró dar caza al vehículo de los extremistas. De los dos heridos, Molina expiró antes de que la patrulla pudiera aplicarle primeros auxilios. (251)

A meu ver, a partir do momento em que Eduardo e Molina têm suas liberdades individuais privadas, seja por um exílio forçado ou por estar na cadeia, eles redefinem suas identidades homossexuais. Com isso, posso dizer que a identidade depende da liberdade, ou vice-versa, não importando qual depende de qual, mas no caso das duas obras analisadas, essa dependência se faz de maneira inversa. Assim paradoxalmente só quando perdem suas liberdades é que eles finalmente encontram suas respectivas identidades.

CONCLUSÃO

De um modo geral os romances aqui analisados retratam a vida de homossexuais que sofrem o preconceito da sociedade e lutam para manterem seu lugar neste espaço indefinido de exílio/insílio no qual habitam. Esse ambiente de exílio demonstra que ao menos a liberdade sexual encontra um espaço onde possa se manifestar livremente. Neste mesmo espaço eles possuem agência e são capazes de definir sua identidade sexual. Embora Eduardo desapareça e Molina morra no final dos romances, durante o desenvolvimento do enredo da história eles encontraram a auto-afirmação e a liberdade de serem quem queriam no espaço do exílio/insílio. Mesmo sendo capazes de alcançar uma certa liberdade de expressar suas identidades sexuais dentro dos espaços de exílio/insílio, aparentemente no final eles são sacrificados devido à ideologia hegemônica que os excluía de um meio onde eles se recusavam a viver de um modo que se encaixasse em padrões pré-estabelecidos pela sociedade.

Um outro ponto fundamental a se concluir seria o papel desempenhado pelos dois personagens homossexuais dentro dos romances. Eles se comportam de maneira passiva, às vezes feminilizados e assim se encaixam no perfil do penetrado,

fato este que agravaria ainda mais a situação de marginalizados na qual se encaixavam, uma vez que os contextos dos dois livros são de comportamentos latino-americanos, onde a posição do macho penetrador é a que prevalece e não pode sentir-se ameaçada em sua supremacia. Deste modo haveria mais do que uma única razão para validar a condição de seres descartáveis, a homofobia por parte dos governos ditatoriais e da própria sociedade.

Enquanto ambos personagens desaparecem no fim dos romances, no decorrer do mesmo eles são capazes de encontrar a liberdade que não possuíam no Brasil ou fora da cela da cadeia, quando estavam literalmente livres. Molina é sem dúvidas assassinado, embora permaneçam alguns questionamentos de até que ponto ele era um informante, estava simplesmente tentando ajudar a causa do novo amor descoberto na cela da prisão, ou se sinceramente tentava ajudar a causa daqueles opostos à junta militar.

Por outro lado, no caso de Eduardo/Stella temos um final que é completamente aberto, porque nós não sabemos se o protagonista se faz desaparecer voluntariamente para recomeçar uma vida nova em outro lugar ou se Viana ou qualquer outra pessoa foi responsável pelo seu desaparecimento.

O fim dos personagens homossexuais, seja através de um desaparecimento que abre inúmeras possibilidades, como o de Eduardo/Stella, ou a morte real de Molina abre o questionamento de por que somente os personagens homossexuais são aqueles que devem pagar com sua vida ou com a ausência nos dois romances? Se levarmos em consideração que durante tempos ditatoriais seria muito mais procedente a perseguição aos casos que envolviam questões políticas e não de gênero, reforça-se a questão. O propósito de chamar a atenção para o fato de que as ditaduras militares se sentiam ameaçadas não só por questões políticas subversivas, mas também pela diferença sexual se mostrou nítido nos romances estudados. A falta de importância que o homossexual tem na sociedade e como seu lugar é desprezível são exacerbados em tempos de intolerância política.

Duas são as conclusões a que se chega com este trabalho: A primeira de que realmente os personagens homossexuais aqui analisados puderam sim encontrar certa forma de liberdade em seus espaços de exílio ou insílio, seja liberando-se enquanto travestido como Eduardo/Stella ou vivendo um amor e desempenhando o tão sonhado papel feminino na relação dentro de uma cela de prisão. E, a segunda conclusão de que por mais que haja a intenção de se

quebrar tabus e estigmas relacionados à opção sexual de cada indivíduo, e dar a este indivíduo a sua liberdade sexual, os autores querem chamar a atenção do leitor para o fato de que as ditaduras usando a hegemonia heterossexual se fazem impor perseguindo indivíduos por falta de conformidade sexual com a norma imposta, assim como uma inconformidade política com o *staus quo*, provocando o desaparecimento dos personagens homossexuais no final dos romances.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, Stephen. The Homosexual as Hero in Contemporary Fiction. Great Britain: Vision Press Limited, 1980.
- Albuquerque, Severino J. Tentative Transgressions: Homosexuality, AIDS and the Theater in Brazil. Madison: U of Wisconsin Press, 2004.
- Amicola, José. Manuel Puig y la tela que atrapa al lector. Argentina: Grupo Editor Latinoamericano, 1992.
- Beired, José Luis B. Breve história da Argentina. São Paulo: Atica, 1996.
- Berenschot, Denis Jorge. Performing Cuba: (Re)Writing Gender Identity and Exile Across Genres. New York: Peter Lang, 2005.
- Bersani, Leo. "Is the Rectum a Grave?" October 43 (1987):197-222.
- Bremmer, Jam, ed. De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade. Trans. Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1995.
- Butler, Judith P. Bodies that Matter: On the Discursive Limits of Sex. New York: Routledge, 1993.
- Butterman, Steven F. "I can See Queerly Now, the Reign Is Gone: The Path to Liberation and the Development of Homoerotic Themes in Pureza Canelo, Andrea Luca and

Ana Rossetti." Rocky Mountain Review of Language and Literature 55.2 (2001): 49-66.

Clifford, Clair, and Jim Oxford. "The Experiences of Social Power in the Lives of Trans People" Out in Psychology: Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Perspectives. "Ed." Victoria Clarke, Elizabeth Peel. West Sussex: John Wiley & Sons, 2007. 195-216.

Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos / Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

Dunne, Michael. "Dialogism in Manuel Puig's Kiss of the Spider Woman." South Atlantic Review 60.2 (1995): 121-36.

Epps, Brad. "Proper Conduct: Reinaldo Arenas, Fidel Castro, and the Politics of Homosexuality." Journal of the History of Sexuality 6.2 (1995): 231-83.

Foster, David William. "The Homoerotic Diaspora in Latin America" Latin American Perspectives 29.2 (2002): 163-89.

---. Alternate Voices in the Contemporary Latin American Narrative. Columbia, U of Missouri Press, 1985.

- . "Puig, Manuel (1932-1990)." Gay Histories and Cultures: An Encyclopedia. Vol. 2. Ed. George E. Haggerty. New York: Garland, 2000. 718-19.
- ed. Handbook of Latin American Literature. New York: Garland, 1992.
- Foucault, Michel. Discipline and Punish. Trans. Alan Sheridan. New York: Pantheon, 1977.
- . The History of Sexuality: An Introduction. Trans. Robert Hurley. Vol.1 New York: Vintage, 1990.
- González Echevarría, Roberto, and Enrique Pupo-Walker, eds. The Cambridge History of Latin American Literature vol.2 Great Britain: Cambridge University Press, 1996.
- Gonzalo, Aguiar. "Dame um beso, mi amor": Configuración cultural del guerrillero em el pasaje de lãs políticas (El beso de la mujer araña de Manuel Puig y Stella Manhattan de Silviano Santiago)". Ciberletras 16 (2007)
- Halberstam, Judith. In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives. New York: New York UP, 2005.
- Jackson, Peter A. "Thai Research on Male Homosexuality and Transgenderism and the Cultural Limits of Foucaultian Analysis." Journal of the History of Sexuality 8.1 (1997): 52-85.

- Johnson, Katherine. "Transsexualism: Diagnostic, Dilemmas, Transgender Politics and the Future of Transgender Care". Out in Psychology: Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Perspectives. "Ed." Victoria Clarke and Elizabeth Peel. West Sussex: John Wiley & Sons, 2007. 445-64.
- Kaminsky, Amy. After Exile Writing the Latin American Diáspora. Minneapolis: U of Minnesota Press, 1999.
- Kulick, Don. "The Gender of Brazilian Transgendered Prostitutes." American Anthropologist 99.3(1997): 574-85.
- Kim, Hosun. "La homosexualidad y su función seductora en El beso de la mujer araña de Manuel Puig" MIFLC Review 12 (2004):99-113.
- Kirkpatrick, R.C. "The Evolution of Human Homosexual Behavior." Current Anthropology 41.3 (2000): 385-413.
- Layton, Lynne. "Trauma, Gender Identity and Sexuality: Discourses of Fragmentation." American Imago 52.1 (1995): 107-25.
- Lecman, Teodoro Pablo. "El desierto". Acta Iassyensia Comparationis 3(2005) 23 May 2009
http://media.lit.uaic.ro/comparata/acta_site/articole/acta3/acta3_lecman.pdf

- Levine, Suzanne Jill. Manuel Puig and the Spider Woman: His Life and Fictions. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2000.
- Lobo, Luiza. Encyclopedia of Latin American Literature. Ed. Verity Smith. Chicago: Fitzroy Dearborn, 1997.
- Lopes, Francisco C. "A obra de Silviano Santiago: A possibilidade do corpo". PAUNCH 65-66 (1991): 189-200.
- . "A questão da pós-modernidade vista da periferia". Nuevo Texto Crítico 4 (1991): 109-31.
- . Anotações a margem: Questões de crítica cultural nos romances de Manuel Puig (El beso de la mujer araña), Silviano Santiago (Stella Manhattan) e José Cardoso Piress (Balada da Praia dos Cães). Diss. U of Pittsburgh, 1988.
- Merrim, Stephanie, and Manuel Puig. "For a New (Psychological) Novel in the Works of Manuel Puig." NOVEL: A Forum on Fiction 17.2 (1984): 141-57.
- Muñoz, Elias Miguel. El discurso utopico de la sexualidad en Manuel Puig. Madrid: Pliegos, 1986.
- Musina, Cintia. "Manuel Puig." 13 Jun. 2009.
<<http://www.monografias.com/trabajos17/manuel-puig/manuel-puig.shtml>>
- Okita, Hyro. "Homossexualidade: Da opressão à libertação"
01 Jul.2009

<http://www.conlutas.org.br/downloads/gt_mulheres_Glbt_Homossexualidade.rtf>

Parker, Richard G. Bodies, Pleasure and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil Boston: Beacon, 1991.

Panesi, Jorge. "Lecturas críticas." El beso de la mujer araña / Manuel Puig; edición crítica. Ed. José Amícola and Jorge Panesi. Barcelona: Grupo Prensa Ibérica, 2002. XXV-XXXII.

Pellegrini, Tânia. "A ficção brasileira de hoje: Os caminhos da cidade." Revista de Crítica Literária Latinoamericana 53 (2001): 115-28.

Posso, Karl. Artful Seduction: Homosexuality and the Problematics of Exile. Oxford: Legenda, 2003.

Puga, Ana Elena. "Carlos Manuel Varela and the Role of Memory in Covert Resistance." 13 Jun. 2009
<<https://journals.ku.edu/index.php/latr/article/viewFile/1416/1391>>

Puig, Manuel. El beso de la mujer araña. Barcelona: Seix Barral, 1976.

Quinlan, Susan Canty. "Cross Dressing Silviano Santiago's Fictional Performances" Lusosex: Gender and Sexuality in the Portuguese-speaking world. Ed. Susan Canty Quinlan and Fernando Arenas. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. 208-32.

- Romero, Julia. "Los posibles narrativos: Estudio crítico genético de la fase prerredaccional." El beso de la mujer araña / Manuel Puig; edición crítica. Ed. José Amícola and Jorge Panesi. Barcelona: Grupo Prensa Ibérica, 2002. XXXIII-LIII.
- Said, Edward W. Reflections on Exile and Other Essays. Cambridge MA: Harvard University Press, 2000.
- Sales, Jean R. A luta armada contra a ditadura militar: a esquerda brasileira e a influência da revolução cubana. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- Salles, Severo. Ditadura e luta pela democracia no Brasil: início da distensão política (1974-1979). Salvador: Quarteto, 2003.
- Santiago, Silviano. Stella Manhattan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Scott-Dixon, Krista. Trans/Forming Feminisms: Transfeminist Voices Speak Out. Toronto: Sumach, 2006.
- Stavans, Illán. "The Latin Phallus." Transition 65 (1995): 48-68.
- Stryker, Susan. Transgender History. Berkeley: Seal Studies, 2008.
- Tannahill, Reay. O sexo na história. Trans. Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.

- Trevisan, João Silvério. Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Vieira, Nelson H. "Metafiction and the Question of Authority in the Postmodern Novel from Brazil." Hispania 74.3 (1991): 584-93.
- Weston, Kath. "Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology." Annual Review of Anthropology 22 (1993): 339-67.
- Zamora, Lois Parkinson. "Clichés and Defamiliarization in the Fiction of Manuel Puig and Luis Rafael Sanchez." The Journal of Aesthetics and Art Criticism 41.4 (1983): 421-36.
- Zimmerman, Shari A. "Kiss of the Spider Woman and the Web of Gender." Pacific Coast Philology 23.1/2 (1988): 106-13.